

#### **EDITORIAL**

# Com a palavra...

#### Um tempo de transformações complexas

m momento complexo esse! Poderíamos resumir inspirados em Edgar Morin, para quem incertezas e contradições são parte da vida e da condição humana. Sugestão seria a construção de um novo caminho para a humanidade alicerçado nos valores da ética e da solidariedade para superar fronteiras entre disciplinas e para religar seres e saberes, como explica a Professora Izabel Petraglia.

Poderíamos dizer também de momentos complicados. Não! Também diria Morin. Pois momentos que não podem sequer ser imaginados a partir de teoremas, equações, pensamentos objetivos. "A complexidade é muito mais do que uma noção quantitativa", diz.

"A complexidade nos aparece, à primeira vista e de modo efetivo, como irracionalidade, incerteza, confusão, desordem", assinala.

Como pensa a Professora Albertina Martinez, a complexidade, diferentemente de complicação, constitui um modo de compreender a realidade no qual é reconhecido o caráter desordenado, contraditório, plural, recursivo, singular, indivisível e histórico que a caracteriza". O singular! O momento humano! A pessoa humana!

Esse singular tão abandonado por teorias sociais de diferentes matizes e ideologias, substituída pelo social, pelo coletivo, pelo liberalismo, pelo



mercado, pela planificação...

Mas se tanto dependemos da singularidade para manutenção da vida em tempos atuais, como andarmos "em noite dos mascarados", ao mesmo tempo estamos em tempo histórico raro de "processos de construção e transformação individual e social" em esteira de "subjetividade e complexidade", como na reflexão do Professor Olvídio Hernández.

Mas, transformações complexas, amiúde, paradoxalmente aprisionadas a certezas científicas. Vidas e mortes contadas como pães, pregos, caixas e caixões. Realidade compreendida a partir de gráficos, na previsão matemática de mortes a se objetivarem nos próximos dias e meses.

Pausa para refletir!

"E deixemos de coisa e cuidemos da vida!" Momentos que requerem ciências em outros prismas além de números. Como vezes escutei do Prof. Fernando, ido pouco antes desses tempos: "Rogério: Ciência é Pensamento!"

A todos, boas e complexas leituras!

Rogério Zanon da Silveira



### Expediente

Carlos Heugênio Duarte Camisão Presidente

presidencia@sindifiscal-es.org.br

José Fermo

Vice-presidente josefermo10@gmail.com

Geraldo José Pinheiro

Diretor Financeiro diretoriafinanceira@sindifiscal-es.org.br

Jocelino Antônio Demuner

Diretor Administrativo jdemuner@sindifiscal-es.org.br 0

Zenaide Maria Tomazelli Lança Diretora Jurídica juridico@sindifiscal-es.org.br

Zuleide Rosangelica de Assis Lopes Diretora de Aposentados e Pensionistas azet58@hotmail.com

Rogério Zanon da Silveira

Diretor de Comunicação e Divulgação jornal@sindifiscal-es.org.br

#### CONSELHO DELIBERATIVO

Anthony Fermino Repetto Lavor Lenise Seabra Miranda Luciano José da Silva Marcelo da Silva Ramos Marcelo Vinicius Borges Amistá

#### **CONSELHO FISCAL**

Ana Maria de Souza Silva Carlos Werner dos Santos Sebastião Luiz Casagrande

#### DELEGADOS SINDICAIS

Região Metropolitana - Edvaldo Monteiro Região Nordeste - Miguel Arcanjo Gagno Região Noroeste - João Tadeu Caon Região Sul - Lúcio Berilli Mendes

**Ação Fiscal -** Maio-Junho/2020 Ano XXXIV - Edição 169

**Weverton Campos** Jornalista responsável

Ricardo Aiolfi Diagramação **Tiragem:** 1200 exemplares **E-mail:** jornal@sindifiscal-es.org.br



Endereço: Av. Nossa Senhora dos Navegantes, nº 955 - Edifício Global Tower Salas 714 e 715 - Enseada do Suá Vitória/ES - CEP: 29050-335.

Site: http://www.sindifiscal-es.org.br
CNPJ: 272394410001/05
E-mail: jornal@sindifiscal-es.org.br
Telefone: (27) 3325-3439

# Os mistérios do SARS-CoV-2, um bicho perverso

O novo coronavírus já acabou com mais de meio milhão de vidas e continua por aí, esperando que baixemos a guarda. E hoje ainda há mais incógnitas do que certezas. Um dos mistérios é por que muitos contagiados nem notam que estão infectados, enquanto outros acabam sendo levados para o túmulo

le deixou atônitos tanto os virologistas ✓e epidemiologistas como os médicos em geral pela forma rápida e furtiva que tem de se expandir e pelos estragos que provoca no organismo. O SARS-CoV-2, causador da covid-19, é um bicho perverso. Aos sinais de febre, tosse seca e cansaço, acrescentou-se outros, como dispneia, cefaleia, coriza, irritação da garganta, dor nas articulações, diarreia, dores musculares e até perda de olfato.

Embora este coronavírus seja muito parecido geneticamente com seus antecessores, apresenta pequenas alterações que o tornam menos letal. Os antecessores infectavam muitas células e produziam rapidamente sintomas que chamavam a atenção. nossa desgraça, este coronavírus demonstrou ser mais insidioso. Christian Drosten, o virologista que ajudou a identificar o vírus da SARS, confessou que o SARS-CoV-2 o surpreende, já que mais da metade dos contágios ocorrem na fase assintomática.

Para Albert Bosch, presidente da Sociedade Espanhola de Virologia, o mistério é por que o vírus não causa nenhum sintoma em um terço dos infectados, enquanto que em cerca de 20% desencadeia um cataclismo. O novo coronavírus é muito mais contagioso que seus antecessores.

Um dos primeiros destinos do vírus são os pulmões, onde pode provocar uma grave de pneumonia bilateral. Logo se percebeu que os pacientes necessitavam não só de respiradores, mas também de aparelhos de diálise, suportes vitais. Os pacientes que pioravam eram majoritariamente pessoas idosas com patologias anteriores. Em seguida, um grupo significativo de pacientes de todas as idades, sem vulnerabilidade aparente, começava a piorar de forma rápida e notória por volta do oitavo ou nono dia. Observou-se ainda que grande parte desses pacientes tinha obesidade, diabetes ou hipertensão, patologias que não são graves, mas, na presença do vírus, podiam desencadear um processo fatal.

A chave, segundo Miquel Ferrer, não é que o sistema imunológico seja muito fraco, e sim o contrário: o vírus desencadeia nestes casos uma reação imunológica tão exacerbada que acaba danificando os órgãos que tenta proteger. O doutor Ferrer tinha visto respostas desse tipo em pessoas jovens antes da

se, sabe-se que esse efeito também foi o motivo de a gripe de 1918 ter sido tão catastrófica.

Um dos fenômenos mais inquietantes da covid-19 é que ela desencadeia processos trombóticos. À inflamação afeta o endotélio, o tecido que reveste a parede interna dos vasos sanguíneos e entre os efeitos está a liberação de fatores coagulantes do sangue.

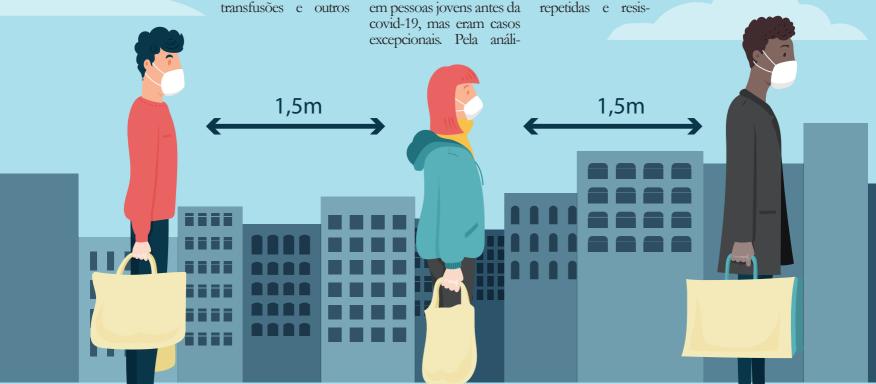
Juan García Moncó, chefe do serviço de neurologia do hospital de Basurto, em Bilbao, observou que o número de incidências era superior ao habitual nas unidades de tratamento da doença. Nos casos graves, a covid-19 provoca uma doença tromboembólica venosa que pode ser catastrófica, pois o coágulo pode ir parar no pulmão e, às vezes, no cérebro. E, caso se forme em uma artéria, pode provocar um infarto. García Moncó assinala que a formação de trombos ocorre mais nos pacientes mais graves, mas também houve casos nos menos graves, até mesmo depois da alta. Um estudo realizado em Wuhan concluiu que 20% dos doentes internados desenvolvem trombose.

A resposta imunológica exagerada provoca, em alguns casos, encefalopatia, uma inflamação grave do cérebro, além de crise epiléticas que podem ser reversíveis, mas também repetidas e resis-

tentes ao tratamento. E já foram relatados muitos casos de outra consequência neurológica inquietante e insidiosa: paralisia de membros. É a temida síndrome de Guillain-Barré. Ela é desencadeada por uma resposta imunológica fora do normal que danifica a bainha de mielina que protege os nervos. Os primeiros sintomas costumam ser formigamento e fraqueza nas extremidades.

O coronavírus também provoca efeitos dermatológicos. Quando a pandemia atingiu a Lombardia, pediatras italianos relataram à revista European Journal of Pediatric Dermatology uma estranha síndrome em crianças e adolescentes, denominada "dedos do pé de covid-19", com manchas vermelhas ou roxas na sola ou nas laterais do pé.

Todas essas manifestações transformaram as UTIs em uma trincheira na qual médicos e enfermeiros exaustos travam uma guerra com o vírus. Em muitos casos o vírus venceu, mas em muitos outros eles ganharam. Miquel Ferrer lembra que os pacientes salvos são muito mais numerosos do que os falecidos. E que muitos sobreviveram depois de passar até 50 dias na UTI e de superar a terrível tempestade de citocinas, alguns deles de idade avançada.



# Coronavírus faz renda básica deixar de ser utopia

Países ensaiam transferências diretas para compensar redução de renda

Im seu ponto culminante, todas as derises parecem fadadas a mudar o mundo. A Grande Recessão de 2008 deveria ter sido a refundação do capitalismo. A dívida soberana no sul da Europa, a que lançaria as bases de uma nova União Europeia mais solidária. E a do coronavírus "escreverá um novo mundo com outras regras", conforme apontava no início de abril o ministro europeu de Mercado Interno, Thierry

Algumas ideias até agora consideradas de nicho começam a se enraizar: a renda básica (universal ou não), uma espécie de garantia de renda ao cidadão pelo simples fato de sê-lo, ganhou espaço para possíveis soluções de saída econômica e social da pandemia.

Estados OsUnidos, um país onde o debate sobre a renda básica estava limitado a âmbitos acadêmicos deu um primeiro e decisivo passo nessa direção: **d**ará a seus ci-

**AçãoFiscal** 

da-



Pessoas fazem fila para pegar refeição doada em Hong Kong.ANTHONY WALLACE / AFP

dãos 1.200 dólares (R\$ 6.420) de uma tacada só. O objetivo, segundo a Casa Branca, é tratar de paliar a redução de renda e assegurar o essencial.

Paralelamente, o Congresso brasileiro aprovou um esquema de pagamentos — neste caso, muito mais distante da universalidade — de 600 reais durante um trimestre para 60 milhões de trabalhadores informais. Em outros países europeus, como o Reino Unido, a "renda universal de emergência" também chegou com força ao Parlamento.

Por que uma renda básica, e por que agora? Seus cada vez mais numerosos defensores vêem nela uma ferramenta útil para conter a emergência social que levou milhões de pessoas a ficarem sem renda da noite para o dia.

"Nestes países, que ainda estão em uma fase inicial da pandemia, a renda básica deve ser aplicada o mais rapidamente possível: você não tem como comprar sabão nem ter água limpa sem o dinheiro necessário para isso, e é mais simples transferi-lo diretamente às pessoas do que organizar um esquema complexo de subsídios", aponta Guy Standing, professor da Escola de Estudos Orientais e Africanos da Universidade de Londres.

"Esta crise convida a repensar a economia, a globalização e o capitalismo. São necessárias soluções inovadoras, e a renda básica é uma delas".

"Muitos que a criticavam agora a defen-

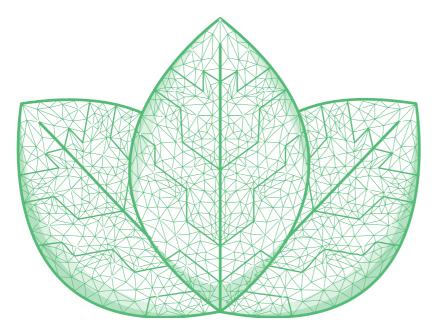
dem". A renda básica não parou de se popularizar nos últimos anos. Nunca, entretanto, esteve tão perto de virar realidade como hoje. "As crises podem gerar oportunidades para grandes avanços e devemos aproveitar o impulso", incentiva Van Parijs, coautor de Basic Income: A Radical Proposal for a Free Society and a Sane Economy ("Renda básica: uma proposta radical para uma sociedade livre e uma economia sã"). Também Standing vê uma mudança de padrão: "Muitos políticos, economistas e meios de comunicação, que no passado foram hostis à ideia, agora a defendem".

Custos de uma renda básica permanente. O custo de uma renda básica permanente e não emergencial varia muito conforme o país. Na América Latina, entregar a todos os lares o suficien-

te para que superem o limite de pobreza teria um custo equivalente a 4,7% do PIB, segundo um recente estudo da Cepal, o braço da ONU para o desenvolvimento econômico do subcontinente. "Esta crise convida a repensar a economia, a globalização e o capitalismo. São necessárias soluções inovadoras, e a renda básica é uma delas", salienta a secretária-executiva da ONU, Alicia Bárcena. A utopia está mais perto do que nunca de virar realidade.

A renda mínima proposta na Espanha pelo hoje ministro da Segurança Social, José Luis Escrivá, quando estava à frente da Airef, custaria 3,5 bilhões de euros (R\$ 18,7 bi) se forem descontadas as superposições com outros programas sociais e reduziria a pobreza em 46% a 60%.

**Artigo publicado** em 6 de abril deste ano no El País Brasil



# "Com o progresso, acreditamos que a natureza estava dominada"

Acaba de sair o sol!", dizia, às cinco da tarde de um sábado, Mario Vargas Llosa, prêmio Nobel de Literatura, com 84 anos (em 28 de março). "Assim se levanta um pouco o ânimo". O autor peruano passa o confinamento em sua casa de Madri, lendo Los Episodios Nacionales, de Benito Pérez Galdós (1843-1920).

Pergunta. Escute isto: "Fiquei sozinho como um cogumelo e tornei a fazer a vida monástica (...). Só continuarei aqui até o fim de mês, felizmente, porque é como viver na Lua (...). Sinto-me menos que um homem, que um animal ou que uma planta (...). Não há um

café, nem um cinema, e a ideia de fazer essa longa expedição até os lugares habitados me deprime...". Resposta. É a refle-

Resposta. E a reflexão de um confinado, sem dúvida. De onde saiu isso?

Havíamos confiado em que o progresso havia trazido tantos benefícios que já não haveria surpresas desagradáveis.

P. É de uma carta que você escreveu ao seu amigo Abelardo Oquendo quando, em 12 de fevereiro de 1966, você estava escrevendo Conversa no Catedral. Como se sente agora?

R. Este confinamento é algo formidável para mim porque tenho um tempo para ler como nunca tive. Geralmente trabalho muito pelas manhãs, mas duas ou três tardes à semana tenho sempre algum encontro, alguma entrevista. Agora não vem ninguém! Posso ler dez horas por dia!

#### P. É está lendo Galdós

R. Sim, praticamente já terminei Los Episodios Nacionales. Um trabalho gigantesco, em uma linguagem acessível, divertida. Descreve o caos, as contradições,

como são arbitrários alguns dirigentes partidários. E há esse personagem maravilhoso, Mosén Antón, que tem uma raivinha e passa para o lado dos franceses por mau humor. Imagine o que isso significa como caos.

# P. Encontra nessa leitura algo que a relacione com a Espanha deste mês, por exemplo?

R. Sem dúvida. Tínhamos a impressão de que, com o progresso, tínhamos dominado a natureza. Pois não! Nenhum país estava preparado para um desafio semelhante. Isto significa como o progresso é relativo, como podemos ter surpresas muito desagradáveis com essa confiança.

P. Não lhe causa assombro que uma potência como os Estados Unidos seja atacada por um vírus e só possa ser defendida pela ciência, pelo acaso ou pela esperança?

R. Os Estados Unidos, que pareciam estar acima do bem e do mal, estava muito pouco preparados. Havíamos confiado em que o progresso havia trazido tantos benefícios que já não haveria surpresas desagradáveis. Mas não! As surpresas desagradáveis estão à porta.

P. Como vê a situação da América Latina?

R. Felizmente a pandemia chegou lá no verão. E o calor é dissuasivo para o vírus [ainda não existem estudos concretos que apontem para esta relação]. De qualquer forma, meu país respondeu vigorosa e rapidamente, de modo que o presidente Martín Vizcarra aumentou enormemente sua popularidade.

#### P. Como viu a atitude da Europa?

R. Finalmente, houve um acordo através de uma negociação difícil. Aceitaram fazer parte de uma unidade como a europeia e vamos compartilhar esse progresso graças à compreensão daqueles que fizeram bem a lição de casa.

A Europa estará melhor Ě preciso corrigir os defeitos, é claro, "mas os países da União Europeia estarão melhores", diz Vargas Llosa. Em primeiro lugar, "a paz na Europa continuará, uma realidade sem precedentes porque até agora as pessoas não fizeram nada além de se inimizar". Essa é uma projeção que incentiva que o futuro "não seja de retrocesso, mas de avanço, com o desvanecimento total das fronteiras, para consolidar um projeto supraestatal que agora traz tantos benefícios".



Mario Vargas Llosa é um jornalista, escritor e político peruano que em 2010 foi laureado com o Nobel de Literatura.



atravesstamos sando tempos Ibicudos. Não só por causa do coronavírus, mas também porque há um vazio político no mundo. Quando não, há uma histeria direitista sem que se veja o "outro lado" do espectro. Ou sumiu, ou os tempos são outros e mesmo a antiga divisão, que persiste, entre esquerda e direita — com suas variantes ao redor de um centro abstrato - não dão mais conta das reais adversidades do mundo contemporâneo: aquecimento global, substituição de mão de obra por "máquinas inteligentes" e, agora, como se fossem poucas as tormentas, as pandemias.

Estou, como bom cidadão (e idoso), fazendo esforço por isolar-me. Confesso que ando cansado de ouvir tanta gente, a toda hora, falando de doenças e mortes. Não me refiro aos especialistas, como o ministro da Saúde, que precisam mesmo falar. Ele tem sido competente, claro e sensível às necessidades do momento. Certos presidentes, melhor que não falem, pois falam e "desfalam"

ao sabor das circunstâncias, despreparados para entender o presente e, mais ainda, para projetar o futuro.

Sei que é difícil. Na última sexta-feira, assisti no Zoom (ah, quanto invento de interlocução sem a presença das pessoas foram criados no mundo e como são úteis...) uma discussão, organizada pela Fundação FHC, entre o exembaixador do Brasil na China Marcos Caramuru e um especialista americano em economia

Mas e quem vive nas favelas ou nas periferias sem verde algum, apinhado sob um mesmo teto?

chinesa Arthur Kroeber.

Além dos impactos econômicos da pandemia, discutiram o que poderá acontecer com a geopolítica mundial depois da crise. Kroeber afirmou que a crise reforça a posição dos setores mais duros da

sociedade e do governo americano, que veem na China uma ameaça, um vírus a ser contido. O embaixador Caramuru acredita que, se essa visão prevalecer nos Estados Unidos, crescerá a influência chinesa no mundo. Para ele, só os Estados Unidos veem a China como adversária implacável da paz e da prosperidade. Os demais países, nós inclusive, deveríamos aproveitar os espaços econômicos no futuro para aumentar nossas exportações e induzir os chineses a fazerem mais investimentos aqui.

É certo que é preciso pensar no depois. Os países e seus povos não vão acabar. A crise virótica, por difícil e custosa que seja em termos de vidas e de recursos, um dia vai passar. Mas, e antes disso, durante a pandemia? O óbvio já disse acima e a maioria das pessoas sabe e compartilha: nada, se possível, de ir à rua ou juntar-se com outras pessoas. Estamos todos (os que podemos...) como prisioneiros, não por ordem da Justiça ou pelo arbítrio dos poderosos, mas para tentar nos salvar e salvar os outros.

Aproveitemos para pensar no estilo de vida que vivemos. A solidariedade, no cotidiano da maioria das pessoas, se transformou em mera frase, sem correspondência em atos. Por que não aproveitar a prisão voluntária para pensar um pouco mais sobre nós mesmos, nossa família, os amigos, os vizinhos e a sociedade mais ampla?

Sei que para alguns a adaptação em casa é mais fácil. Eu próprio aproveito para escrever e ler. Mas e quem vive nas favelas ou nas periferias sem verde algum, apinhado sob um mesmo teto? E os que perderão o emprego, como consequência indireta do coronavirus? Portanto, ao mesmo tempo

Os governos, e não só o daqui, começam a perceber que é melhor gastar já e salvar vidas, do que manter a higidez fiscal e produzir cadáveres e depressão econômica.

em que mergulharmos em nossas consciências para ver se ainda somos humanos, é hora de pensar também em como transformar em gesto a intenção de ser solidário. Não faltam boas iniciativas da sociedade civil para angariar e canalizar doacões.

Sem diminuir a importância dessas iniciativas, a ação decisiva é dos governos. Os economistas não sabem qual será a profundidade da crise e em quanto tempo virá a recuperação. Mas em um ponto a maioria concorda: às favas (por ora!) a ortodoxia e os ajustes fiscais. Voltamos aos tempos de

Keynes e, quem sabe, os mais apressados deixarão de jogar os "socialdemo-cratas" na lata de lixo da História. Os governos, e não só o daqui, começam a perceber que é melhor gastar já e salvar vidas, do que manter a higidez fiscal e produzir cadáveres e depressão econômica. A dívida pública vai aumentar. Depois se verá como pagá-la. Este se, é dúbio: em geral a maior parte da conta vai para o conjunto da população e não para os que mais podem. Terá de haver mobilização política para que desta vez seja diferente.

Que o Tesouro se abra (e se já estiver vazio, que se endivide ainda mais). Com um porém: que os governos usem bem o dinheiro e não transformem gastos extraordinários em gastos permanentes. Melhor haver um "orçamento de guerra" do que criar bazucas permanentes contra o Tesouro.

É disso que se trata: reforçar estruturalmente a saúde pública e a ciência básica, fazer gastos extraordinários para garantir a sobrevivência das pessoas e das empresas mais vulneráveis e, mais à frente, distribuir com equidade a carga de impostos para reduzir o déficit e a dívida pública, que irão crescer inevitavelmente.



Fernando Henrique Cardoso é um sociólogo, cientista político, professor universitário, escritor e político brasileiro. Foi o 34.º presidente da República Federativa do Brasil entre 1995 e 2003.

AçãoFiscal

# "Pandemia tirou mundo de rota suicida do sistema econômico tradicional"

Muhammad Yunus afirma que crise é oportunidade para livrar humanidade de modelo que cria e sustenta pobreza

vencedor do Prêmio Nobel da Paz Muhammad Yunus vê a crise causada pelo coronavírus como uma oportunidade para o mundo redesenhar o sistema econômico, que, segundo ele, colocou a humanidade em uma rota suicida.

Nascido em Bangladesh, Yunus ganhou notoriedade ao criar, em 1976, o Grameen Bank, dedicado a emprestar recursos a pequenos empreendedores. Por essa iniciativa, foi laureado — junto com o banco — com o Nobel da Paz em 2006, pelo papel no combate à pobreza.

# Por que a crise do coronavírus é uma oportunidade para o mundo se reinventar?

Antes da crise começar, a contagem regressiva para o fim da sobrevivência humana neste planeta já havia começado. O aquecimento global atingira seu último estágio. A concentração de riqueza chegou a um nível

Precisamos da criação de um negócio que seja exclusivamente dedicado a solucionar os problemas das pessoas e que não gere lucro para seus donos. É o que chamamos de negócio social.

tal que tornou o mundo uma bomba-relógio de raiva e desconfiança.

A pandemia nos salvou disso, levando o sistema à paralisia. Criou uma oportunidade para criarmos um mundo livre desses perigos.

Precisamos da criação de um negócio que seja exclusivamente dedicado a solucionar os problemas das pessoas e que não gere lucro para seus donos. É o que chamamos de negócio social.

# Houve desenvolvimentos positivos nas últimas décadas?

A tecnologia mudou tudo e estará por trás das mudanças do futuro. Mudou os jovens, tornando-os mais independentes e empreendedores. Graças à tecnologia da comunicação, as distâncias desapareceram. A inteligência artificial está mudando os sistemas de saúde dramaticamente.

Evitamos o holocausto nuclear e a Terceira Guerra Mundial. Conquistamos o espaço. A economia cresceu a um ritmo sem precedentes. Enquanto nos orgulhamos, simultaneamente, temos de reconhecer que empurramos o mundo ao limite. Todas essas conquistas se tornam sem sentido diante de todas as ameaças.

Quem nos dá o direito de destruirmos o futuro das futuras gerações? Não temos resposta aceitável. Podemos desfazer isso. É positivo que a desigualdade de renda tenha aumentado, mas a pobreza caído?

É uma das conquistas mais gloriosas. Milhões de pessoas ultrapassaram a linha da pobreza em tempo recorde, mas elas continuam muito próximas dela. De repente, elas voltam para baixo da linha da pobreza com a pandemia. É o sistema econômico que cria e sustenta a pobreza.

O sistema financeiro legal não foi desenhado para atender os 50% da base.

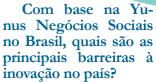
#### Como a crise da pandemia incentiva a reinvenção da economia?

A crise criou uma oportunidade por ter derrubado o sistema atual. O incentivo vem da nossa experiência pré-corona para escapar do desastre iminente. Agora, há uma megaoportunidade. Temos que criar um mundo sem emissão líquida de carbono, concentração de riqueza e sem desemprego.

O novo sistema começa fazendo com que todo negócio que visa ao lucro se tornar social e ambientalmente responsável.

O novo modelo redesenhará todo o sistema financeiro, tornando-o baseado em negócios sociais, garantindo serviços financeiros aos 50% da população da parte inferior da pirâmide social.

O sistema educacional deverá preparar os jovens para começar suas vidas como empreendedores.



No Brasil, enfrentamos os mesmos problemas que em outros países. O sistema financeiro legal não foi desenhado para atender os 50% da base, aqueles que realmente precisam de acesso a linhas de crédito.

Nosso time criou um fundo de investimento inovador que serve exclusivamente a negócios sociais, com sete investimentos já realizados, em setores como educação, reflorestamento e construção.

Nosso projeto dos sonhos no Brasil é a criação de uma empresa social para transformar um pedaço da floresta amazônica numa área protegida de incêndios e outros ataques, criando qualidade de vida para as famílias que morem nessa área.

#### Quais aspectos positivos vocês destacam no Brasil?

O ganhou respeito global por suas conquistas, se tornou um líder em transformação social. Mas eu tenho a impressão de que o Brasil não está muito ciente de sua influência global. Espero que se torne mais envolvido com o resto do mundo e ofereça a liderança que o mundo espera de vocês. Isso beneficiará ambos os lados.



Muhammad Yunus, vencedor do Prêmio Nobel da Paz de 2006 - Picture Alliance DLD/Hubert Burda Media

# Ai Weiwei:

# "O capitalismo chegou ao seu fim"

relação entre Ai Weiwei (Pequim, 1957) e o Partido Comunista Chinês foi durante anos como de cão e gato. Após ficar preso por 81 dias acusado de evasão fiscal, o artista respondeu à vigilância a que era submetido transmitindo sua vida como protesto. Em 2015, por fim, abandonou seu país e foi para a Inglaterra. Hoje está confinado, ainda que dessa vez compartilhe os motivos.

Weiwei fala sobre a crise mundial sem precedentes que a Covid-19 provocou. Aponta o vínculo entre os desastres que assolam o planeta e a falta de valores humanistas durante uma entrevista que começa por telefone e termina por e-mail.

#### Como vê o papel da liberdade de expressão na propagação do vírus na China e no mundo?

A epidemia chegou de repente, ninguém estava preparado. Dizem que é um vírus de-

mocrático porque a t a c a todos da mesforma. Essa é a primeira vez que me vejo em meio a um desastre de caráter global. Ocorreram tantos desastres na China e cada um deles esteve ligado a uma coerção da liberdade de expressão. Sua falta é em si um desastre humanitário.

Quando a ideologia e a animosidade política obstruem a solução dos desastres humanitários, isso pode ser considerado um crime.

O Partido Comunista Chinês é uma organização mais forte do que qualquer outra no mundo e exerce sua autoridade através do controle do pensamento e do discurso das pessoas. Se esse desastre pôde se expandir se deve em parte pela China ter escondido a verdade. A OMS foi cúmplice disso ao não dar a gravidade e magnitude devidas ao problema.

# A China está ajudando muitos países, doando máscaras e material médico. O que acha dessa estratégia?

A China, em vez de assumir suas responsabilidades, faz trocas de favores políticos, politizando os princípios humanitários. O espírito humanitário está sendo distorcido. Quando a ideologia e a animosidade política obstruem a solução dos desastres humanitários, isso pode ser considera-

do um crime. À princípio, a China conseguiu controlar rapidamente a epidemia. Mas pagou um preço que não é visível: a saúde emocional da população, que foi trancada em jaulas como animais, obrigada pela força ao confinamento de mais de dois meses.

#### O que o senhor pensa do modelo chinês?

O Estado chinês é um grupo de interesse que se tornou cada vez mais forte com a introdução do capital, se transformou em capitalismo de Estado. Tudo está sob o controle do Partido. O Ocidente perdeu sua vantagem competitiva, encontrou um competidor poderoso e incontrolável porque desobedece às regras. Se o Ocidente deixa guiar somente pelos lucros e os interesses, será bem merecido quando sofrer perdas.

#### O capitalismo está em crise?

O capitalismo chegou ao seu fim. Não pode continuar desenvolvendo-se moral e eticamente. Causa problemas às pequenas nações, saqueia sem freio. A China alimenta os interesses das grandes empresas ocidentais e essas tornaram a China cada vez mais poderosa.

Essas empresas não são restringidas por nenhum Estado, nação e cultura. A globalização está sendo feita sobre a base do desenvolvimento do capitalismo e o colonialismo. A crise subjacente é palpável, e os desastres por vir ocorrerão mais de uma vez. Como fazer o desenvolvimento livre de um país de 1,4 bilhão de pessoas sob um regime autoritário? O desenvolvimento de uma sociedade depende da legitimidade de seus Governos. E após 70 anos no Governo, o Partido

> ainda não resolveu esse problema. Essa é a verdadeira crise que a China enfrenta.

#### O senhor viveu o confinamento à força na China. O que faz confinado em casa?

Entendo o isolamento, é uma medida que responde à desconfiança das pessoas em relação à ordem social existente. A liberdade individual só pode se basear na confiança pública. Pessoalmente, não me afeta em nada. Passo mais tempo com minha família, o que é motivo de alegria. Isso me permite refletir sobre os assuntos que geralmente me interessam. Penso muito no humanismo, meu último livro se chama Humanidade. Esse desastre nos

fez comprovar que nesse mundo já não existem regiões e uma liberdade regional. Essa epidemia nos alertou que o enriquecimento de grupos empresariais e regionais através da globalização deve acabar. Caso contrário, as desgraças por vir serão ainda maiores.

#### Sente falta da China?

Não posso voltar, é impossível expressar minhas opiniões lá. A expressão é vital à criação. Não poder fazê-lo é como perder a vida. Não tenho saudades. Sinto falta de minha mãe, de meus irmãos. É minha terra, me é familiar. É meu idioma e tenho amigos lá. Enquanto a China for só um conceito político, não tenho desejo de retornar.

#### Sua infância foi marcada pelas experiências de seu pai, que foi trabalhar no campo durante a revolução cultural. Como isso impactou sua arte?

É inegável que meu capital vivencial está ligado às experiências da geração de meu pai. Tudo aquilo que me ajudou a compreender melhor o valor do humano e a importância de preservar a vida. Qual é o significado dos direitos humanos? É uma pergunta que me faço constantemente. E esse tema influenciou minhas obras.



Ai Weiwei é um dos dissidentes chineses que mais denunciou a falta de direitos humanos que impera no mundo, assim como o dano que a falta de liberdade de expressão causa na China. O artista vivo mais importante do país asiático lidera o ranking mundial de autores que atraem mais visitantes aos museus.

# "Vivemos um vazio igual ao crash de 1929", diz Alain Touraine

om suas intervenções no debate público - na França, mas também em outros países europeus como a Espanha e na América Latina - Touraine se tornou uma referência do que em seu país chamam de segunda esquerda, de caráter social-democrata e francamente antitotalitária. O sociólogo, prêmio Príncipe das Astúrias de Comunicação e Humanidades, em 2010, conversou com Ideas, por telefone, de seu confinamento em Paris.

A entrevista é de Marc Bassets, publicada por El País, 28-03-2020. A tradução é do Cepat.

Estamos em guerra, dizem Macron, Sánchez e Trump. Está correto?

Tecnicamente, a guerra enfrenta um exército, que invade o território de um país B. É necessário ao menos dois e ocorre entre humanos. Aqui, ao contrário, o que vemos é o humano contra o não-humano. Não critico o emprego da palavra guerra, mas seria uma guerra sem combatentes. Não há uma estratégia: o vírus não é um chefe de Governo. E, do lado do humano, acredito que vivemos em um mundo sem atores.

Nunca tinha visto um presidente dos Estados Unidos tão excêntrico como Donald Trump, tão pouco presidencial, um personagem tão fora das normas e fora de seu papel. E não é por acaso. Os Estados Unidos abandonaram o papel de líder mundial. Hoje já não há nada. E na Europa, caso se olhe para os países mais poderosos, ninguém responde. Não há ninguém na parte superior do tabuleiro.

E na debaixo?

Não existe um movimento populista, o que há é uma derrocada do que, na sociedade industrial, criava um sentido: o movimento operário. Ou seja, hoje, não há nem atores sociais, nem políticos, nem mundiais, nem nacionais, nem de classe. Por isso, o que ocorre é totalmente o contrário de uma guerra, com uma máquina biológica de um lado e, do outro, pessoas e grupos sem ideias, sem direção, sem programa, sem estratégia, sem linguagem. É o silêncio.

Relembra um momento semelhante em sua vida?

Talvez existiu a mesma sensação durante a crise de 1929, eu havia nascido um pouco antes. Tudo desaparecia e não havia ninguém, nem na esquerda, nem nos Governos. Mas é verdade que o vazio foi rapidamente preenchi-do pelo senhor Hitler. O que mais me impressiona agora, como sociólogo e historiador do presente, é que fazia muito tempo que não sentia um vazio assim. Há uma ausência de atores, de sentido, de ideias, inclusive, de interesse. A única preferência do vírus são os velhos. Também não há remédio, nem vacina. Não temos armas, vamos com as mãos limpas, estamos fechados sozinhos e isolados, abandonados. Não se deve ter contato e é preciso se fechar em casa. Isto não é a guerra!

Você tinha 14 anos em 1940, no início da verdadeira guerra, a Segunda Guerra Mundial. Recorda-se daquele momento?

Não. Naquele momento, para um garoto francês de minha idade, não havia nada mais banal que uma guerra franco-alemã. Aquilo já havia ocorrido várias vezes. A ocupação, depois, sim, marcou toda a minha juventude. Agora, é outra coisa: estamos

no vazio, reduzidos ao nada. Não falamos, não devemos nos movimentar, nem compreender.

A América se afunda e a China está em uma situação contraditória, que não pode durar eternamente. Deseja praticar o totalitarismo maoísta para gerir o sistema mundial capitalista.

Como chegamos aqui?

Vivemos dois bons séculos na sociedade industrial, em um mundo dominado pelo Ocidente, durante uns 500 anos. Hoje, acreditamos, e foi o caso nos últimos 50 anos, que vivíamos em um mundo americano. Agora, talvez viveremos em um mundo chinês, mas também não estou seguro em absoluto. A América se afunda e a China está em uma situação contraditória, que não pode durar eternamente. Deseja praticar o totalitarismo maoísta para gerir o sistema mundial capitalista. Não estamos em lugar algum, em uma transição brutal que não foi preparada, nem pensada.

Fala de hoje mesmo, em pleno confinamento, ou de nossa época em geral?

De ambos. Mas gostaria de dar o ponto de vista de alguém fechado. Eu mesmo não estou em lugar algum, posto que não tenho o direito de sair à rua.

Essa situação lhe causa angústia?

Não, pois minha vida é estar em casa trabalhando. Sinto-me, de algum modo, protegido nas mesmas condições todos os dias

Onde está a Europa?

Você escutou muitas mensagens europeias nesses dias? Eu não. Sou muito europeista, provavelmente muito. A saída

do Reino Unido não é pouca coisa, nem a ascensão dos iliberais. Esta epidemia tem lugar em um período no qual não sabemos nem o como, nem o porquê. É muito cedo para saber o que fazer economicamente, e politicamente não nos é pedido outra coisa a não ser ficar fechados em casa. Estamos no não-sentido, e acredito que muitas pessoas ficarão loucas pela ausência de sentido.

Haverá um retorno do nacionalismo e do populismo?

Mas isto já estava aqui. Agora, há duas decisões fundamentais para a Europa. Primeiro, a libertação por meio das mulheres. Ou seja, a derrubada da razão no centro da personalidade e a recomposição dos afetos em torno da razão e comunicação, uma sociedade do cuidado. E segundo, a acolhida dos migrantes, que considero um problema de peso. Nossos países europeus se definem hoje por sua atitude diante dos migrantes.

O vírus não muda tudo? As consequências econômicas, novos costumes sociais com maior distância, outras prioridades...

Não acredito nisso. Haverá outras catástrofes. Consideraria muito estranho que nos próximos dez anos não houvesse catástrofes ecológicas importantes, e os últimos dez anos se perderam. Atenção, as epidemias não são tudo. E acredito que entramos em um novo tipo de sociedade: uma sociedade de servicos, como diziam os economistas, mas de serviços entre humanos. Ao mesmo tempo, com esta crise há possibilidades de que um choque econômico produza reações que chamo de tipo fascista. Mas agora prefiro me centrar no presente.



do XXI, que se dedicou a estudar a sociedade pós-industrial, os movimentos sociais e a crise da modernidade.

Fiscal



embro com exatidão as dez quadras que existiam entre a casa dos Llosa, na rua Ladislao Cabrera, e o colégio La Salle. Eu tinha cinco anos e, sem dúvida, estava muito nervoso. Naquele dia, o meu primeiro no colégio, eu as percorri com minha mãe, que até me acompanhou à classe e me deixou aos cuidados do irmão Justiniano. Ele me apresentou aos que seriam meus amigos cochabambinos a partir de então: Artero, Román, Gumucio, Ballivián. O mais querido deles, Mario Zapata, o filho do fotógrafo que havia documentado todos os casamentos e primeiras comunhões da cidade, seria morto com uma facada, anos depois, em um bar de Cala-Cala. Como era o garoto mais pacífico do mundo, sempre pensei que sua horrível morte foi por defender a honra de uma jovem.

O Irmão Justiniano era um anjo na terra. Tinha cabelos brancos e olhos doces e afetuosos. Dávamos as mãos e com ele cantávamos e dançávamos rodas repetindo o abecedário e as conjugações e assim, brincando, seis meses depois sabíamos ler. O carteiro entregava a cada semana quatro revistas na casa, três argentinas e uma chilena:

Leoplán, para o avô Pedro, Para Ti, lida pela avozinha Carmen, Mamaé, minha mãe e a tia Lala, e, para mim, Billiken e El Peneca. Esperava essas revistas como um maná do céu e as lia do começo ao fim, incluindo as propagandas.

Aprender a ler é o que de mais importante me aconteceu na vida e, por isso, sempre lembro com gratidão do Irmão Justiniano. Pela leitura, esse mundo pequenino de Cochabamba se tornou o universo. Graças aos sinais que transformava em palavras e ideias, viajava pelo planeta e até podia voltar no tempo e me transformar em mosqueteiro, cruzado, explorador e viajar pelo espaço até o futuro em naves silenciosas. Minha mãe disse que a primeira manifestação do que, com os anos, seria uma vocação literária, foi que, quando eu não gostava dos finais dos contos e romances que lia, modificava-os com minha letra ruim da época. Eu não me lembro, mas sim das horas que passava lendo todos os dias, após voltar do La Salle e tomar meu copo de leite gelado com canela, meu alimento preferido. O avozinho Pedro brincava comigo: "Para o poeta a comida é prosa". Mas eu ainda não escrevia versos em Cochabamba; isso viria depois, em Piura.

Agora que, por culpa do coronavírus e do isolamento forçado a que os madrilenhos estão submetidos, leio do amanhecer ao anoitecer, dez horas diárias em um estado de felicidade absoluta (moderada pelo medo à praga), aqueles dias cochabambinos voltam à minha memória com os fantasmas desvanecidos das primeiras leituras que o subconsciente me devolve.

no romance um reordenamento da história ainda melhor do que o cronológico.

Para ler Sartre, Camus, Merleau-Ponty, Simone de Beauvoir e demais colaboradores da Les Temps Modernes, aprendi francês, e inglês para entender Hemingway, Dos Passos, Orwell e Virginia Woolf, e decifrar o Ulisses de Joyce (consegui na terceira vez). Em Paris, no primeiro dia em que cheguei, em agosto de 1959, descobri Flaubert e passei a noite inteira, no Wetter Hotel, lendo Madame Bovary. Foi para mim a mais frutífera das descobertas: graças a Flaubert, soube o escritor que queria ser e o que não queria ser.

As boas leituras não produzem somente felicidade; ensinam a falar bem, a pensar com audácia, a fantasiar, e criam cidadãos críticos, desconfiados das mentiras ofi-

ciais dessa arte suprema

do mentir que é a política.

A vida que não vivemos

podemos sonhá-la, ler os

bons livros é outra ma-

neira de viver, mais livre,

mais bela, mais autêntica.

Essa vida alternativa tem,

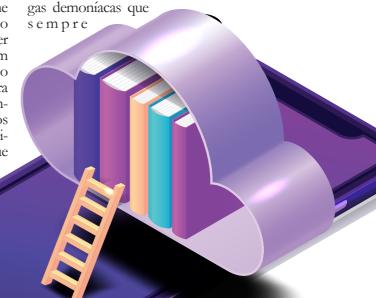
além disso, a sorte de estar fora do alcance das praaterrorizaram os seres humanos porque viam nelas os diabos, que, ao contrário dos inimigos de carne e osso, eram difíceis de derrotar.

Um bom leitor é o cidadão ideal de uma sociedade democrática: nunca se conforma com aquilo que tem, sempre quer mais e coisas diferentes das que lhe oferecem. Sem essas insubmissões o progresso verdadeiro seria impossível, aquele que, além de enriquecer a vida material, aumenta a liberdade e o leque de escolhas para ajustar a própria vida a nossos sonhos, desejos e ilusões. Karl Popper tinha razão: nunca estivemos melhor do que agora (nos países livres, entende-se).

O coronavírus ressuscitou a barbárie no que acreditávamos ser a civilização e a modernidade. Vimos coisas horríveis em Madri, como nos asilos: idosos abandonados ao que parece por cuidadores que não tinham máscaras, remédios e qualquer ajuda. Os mortos convivendo com os vivos, dormindo nas mesmas camas. O horror sempre supera o horror, não importa o tempo histórico. Ainda assim, com toda a ruína econômica e social que essa inesperada praga trará ao país, se, após sobreviver a ela, existir na Espanha um milhão a mais de espanhóis, ou pelo menos cem mil, atraídos à boa leitura graças à quarentena forçada, os demônios da peste terão feito um bom trabalho.

Um bom leitor é o cidadão ideal de uma sociedade democrática: nunca se conforma com aquilo que tem, sempre quer mais e coisas diferentes das que lhe oferecem.

Nada me deu tanto prazer e felicidade como os bons livros; nada me ajudou tanto como eles a passar pelos momentos difíceis. Sem a literatura teria me suicidado nesse período atroz em que soube que meu pai estava vivo, quando me levou para morar com ele e me fez descobrir a solidão e o medo. William Faulkner mudou minha vida em plena adolescência; eu o li com lápis e papel para identificar suas mudanças de narrador, os saltos temporais, os redemoinhos dessa prosa que misturava personagens, tempos e lugares e aparecia, de repente,



AçãoFiscal

# Vírus: tudo o que é sólido se desfaz no ar

₹ xiste um debate nas ciências so-✓ciais sobre se a verdade e a qualidade das instituições de uma dada sociedade se conhecem melhor em situações de normalidade ou em situações excepcionais. Talvez os dois tipos de situação sejam igualmente indutores de conhecimento, mas certamente permitem-nos conhecer ou relevar coisas diferentes. Que potenciais conhecimentos decorrem da pandemia do coronavírus?

A normalidade da exceção. A atual pandemia não é uma situação de crise claramente contraposta a uma situação de normalidade. Desde a década de 1980 - à medida que o neoliberalismo foi se impondo como a versão dominante do capitalismo e este se sujeitou mais à lógica do setor financeiro - o mundo tem vivido em permanente estado de crise. Por um lado, de crise permanente é um oxímoro, já que, no sentido etimológico, a crise é por natureza excepcional e passageira e constitui a oportunidade de superação e dar origem a um melhor estado de coisas. Por outro lado, quando a crise é passageira, ela deve ser explicada pelos fatores que a provocam. Mas quando se torna permanente, a crise transforma-se na causa que explica todo o resto.

que não há alternativa ao modo de vida imposto pelo hipercapitalismo em que vivemos cai por terra. Mostra-se que só não há alternativas porque o sistema político democrático foi levado a deixar de discutir as alternativas.

A fragilidade do humano. A rigidez aparente das soluções sociais cria nas classes que tiram mais proveito delas um estranho sentimento de segurança. Este sentimento de segurança combina-se

A ideia conservadora de que não há alternativa ao modo de vida imposto pelo hipercapitalismo em que vivemos cai por terra.

A elasticidade do social. Em cada época, os modos dominantes de viver (trabalho, consumo, lazer, convivência) são relativamente rígidos. Eles vão se alterando paulatinamente, mas as mudanças passam quase sempre despercebidas. A irrupção de uma pandemia torna possível essas mudanças repentinas. Torna-se possível ficar em casa e voltar a ter tempo para ler um livro e passar mais tempo com os filhos, consumir menos, dispensar o vício de passar o tempo nos centros comerciais. A ideia conservadora de

com o de arrogância e até de condenação para com todos aqueles que se sentem vitimizados pelas mesmas soluções sociais. O surto viral evapora a segurança de um dia para o outro. Sabemos que a pandemia não é cega e tem alvos privilegiados, mas mesmo assim cria-se com ela uma consciência de comunhão planetária, de algum modo democrática. A tragédia é que neste caso a melhor maneira de sermos solidários uns com os outros é isolarmo-nos uns dos outros e nem sequer nos tocarmos. É uma estranha comunhão de destinos. Não serão possíveis outras?

Os fins não justificam os meios. O abrandamento da atividade econômica tem óbvias consequências negativas. Mas tem, por outro lado, algumas consequências positivas, como a diminuição da poluição atmosférica. Um especialista da qualidade do ar da NASA afirmou que nunca se tinha visto uma quebra tão dramática da poluição numa área tão vasta. Quer isto dizer que no início do século XXI a única maneira de evitar a iminente catástrofe ecológica é por via da destruição massiva de vida humana? Teremos perdido a imaginação preventiva e a capacidade política para a pôr em prática?

A guerra de que é feita a paz. O modo como foi inicialmente construída a narrativa da pandemia nos media ocidentais tornou evidente a vontade de demonizar a China. As más condições higiênicas nos mercados chineses e os estranhos hábitos alimentares dos chineses (primitivismo insinuado) estariam na origem do mal. Subliminarmente, o público mundial era alertado para o perigo de a China, hoje a segunda economia do mundo, vir a dominar o mundo. Se a China era incapaz de prevenir tamanho dano para a saúde mundial e incapaz de o superar eficazmente, como confiar na tecnologia do futuro proposta pela China?



Boaventura de S. Santos Sociólogo, diretor do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra.

verdade é que, segundo a Organização Mundial de Saúde, a origem do vírus ainda não está determinada. É irresponsável que os meios oficiais dos EUA falem do "coronavírus chi-nês", tanto mais que só em países com bons sistemas públicos de saúde (os EŪA não são um deles) é possível fazer testes gratuitos e determinar com exatidão os tipos de influenza ocorridos nos últimos meses. Do que sabemos com certeza é que, para além do coronavírus, há uma guerra comercial entre a China e os EUA, uma guerra sem quartel que, como tudo leva a crer, terá de terminar com um vencedor e um vencido.

# Hannah Arendt continua pensando

Filósofa refletiu sobre temas que seguem preocupando: o perigo das emoções na política, a confusão entre fatos e opiniões, a crise da cultura e o totalitarismo

sak Dinesen dizia que é possível suportar toda a dor se a transformarmos em uma história. Algo parecido poderia se afirmar de Hannah Arendt e sua fecunda relação com a teoria política, um campo do saber que reivindicou com afinco e que lhe serviu para enfrentar todas as crises políticas e pessoais dos amargos tempos em que viveu. Hoje, como à época, o vocabulário que utilizou para pensar e narrar o mundo, suas reflexões nos ajudam a interpretar o que nos acontece.

Em suas obras, ressaltou a importância do julgamento político como essa forma concreta que adota o pensar no mundo da política, e também falou de nossa responsabilidade, da radicalidade do mal e sua banalização, do totalitarismo como argamassa homogeneizadora de sujeitos atomizados, da atividade

do pensar e a artificialidade e evanescência da esfera pública, e dessa "brilhante luz da presença constante dos outros".

Durante os últimos anos, nos vimos obrigados a voltar o olhar ao livro As Origens do Totalitarismo, onde disseca os pontos que explicam essa estranha lealdade consubstancial aos movimentos de massas que os populistas de toda espécie buscam. O exemplo paradigmático é Trump e aquelas aterrorizantes palavras que pronunciou em Iowa na campanha de 2016: "Poderia estar em plena Quinta Avenida e atirar em alguém, e não perderia eleitores". Arendt os descreveu: faziam parte de algo maior do que uma força política convencional; integravam um movimento. Muitos dos fenômenos que descrevem essa era da pós-verdade foram explicados e desenvolvidos



sentam sistemas de significado alternativos perfeitamente coerentes, onde o que convence seus integrantes não são os fatos ("nem mesmo os inventados") e sim a consistência aparente daquilo a que nos sentimos pertencer.

A autora também nos ajudou a diferenciar entre verdades factuais e opiniões, nos alertando que "a liberdade de opinião é uma farsa se não se garantir a informação objetiva e os próprios fatos não forem aceitos". Porque somente com a discussão "humanizamos aquilo que está acontecendo no mundo e em nós mesmos, pelo mero fato de falar sobre isso; e à medida que o fazemos, aprendemos a ser humanos;"

Arendt nos alertava do risco de preencher esse espaço de uma única verdade,

ela, conectadas à esfera pública a partir de seu republicanismo, nesse espaço de aparição que possibilita a autonomia pessoal e política onde convivem vozes dissidentes, levando adiante uma discussão autêntica, capaz de gerar um "mundo comum". E a informação objetiva que garante que possamos nos pronunciar sobre algo com uma ancoragem no real. As opiniões só podem se formar com a condição de que existam essa informação objetiva e uma discussão autenticamente plural e aberta; do contrário, ocorrerão "estados de ânimo, mas não de opiniões". É inevitável pensar na atual quebra do espaço público derivada do absurdo poder das redes, de sua potestade para expulsar as vozes dissidentes e preencher o debate de mera emocionalidade.

A reivindicação do puramente fatual não a fez evitar as perguntas políticas sobre como os fatos do passado afetavam o presente, mas também o futuro. Sua motivação, seu impulso político estiveram caracterizados pelo que ela mesma denominou "amor do mundo", por responsabilidade para com seu cuidado. Por isso precisamos de Arendt, porque constrói a partir da esperança, transformando-a em categoria política. Hoje, quando parece que todos os males residem no futuro, Arendt nos lembra que, enquanto existirem novas vidas, sempre existirá a possibilidade de "um novo começo", porque "cada recém-chegado" tem a capacidade de "fazer algo novo". A ausência de certezas não nos libera da responsabilidade de cuidar do mundo que compartilhamos. Esse é o legado de Hannah Arendt. Talvez não seja um ponto de vista

